

MARCUS REIS PINHEIRO
MARIA CLARA BINGEMER
MARCIO CAPPELLI

(Orgs.)

MÍSTICA E ASCESE

DA TRADIÇÃO PLATÔNICA À CONTEMPORANEIDADE



Petrópolis

© 2020, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
www.vozes.com.br
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

CONSELHO EDITORIAL

Diretor

Gilberto Gonçalves Garcia

Editores

Aline dos Santos Carneiro
Edrian Josué Pasini
Marilac Loraine Oleniki
Welder Lancieri Marchini

Conselheiros

Francisco Morás
Ludovico Garmus
Teobaldo Heidemann
Volney J. Berkenbrock

Secretário executivo

João Batista Kreuch



© Editora PUC-Rio

Rua Marquês de S. Vicente, 225
Casa da Editora PUC-Rio – Gávea
22451-900 – Rio de Janeiro – RJ
T 55 21 3527-1760/1838
edpucrio@puc-rio.br
www.editora.puc-rio.br

Reitor

Prof. Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ

Vice-Reitor

Prof. Pe. Anderson Antonio Pedroso SJ

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Ricardo Tanscheit

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Prof. Sergio Bruni

Decanos

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz (CTCH)
Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)
Prof. Sidnei Paciornik (CTC)
Prof. Hilton Augusto Koch (CCBS)

Conselho Gestor da Editora PUC-Rio

Augusto Sampaio, Danilo Marcondes,
Felipe Gomberg, Hilton Augusto Koch,
José Ricardo Bergmann, Júlio Cesar
Valladão Diniz, Sidnei Paciornik,
Luiz Roberto Cunha e Sergio Bruni.

Diagramação: Flávia da Matta Design
Revisão: Eloise Porto e Cristina da Costa Pereira
Capa: WM design

ISBN 978-65-5713-193-0 (Vozes)
ISBN 978-65-991801-7-0 (PUC-Rio)

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda.

SUMÁRIO

- 7 Sobre os capítulos deste livro e
o *Apophatiké* – estudos interdisciplinares em Mística

Parte I Mística e ascese na tradição platônica

PLATÃO

- 17 Filosofia sagrada
André Decotelli

ORÍGENES

- 31 A teoria da linguagem
Marcus Reis Pinheiro

MARGUERITE PORETE

- 41 Filosofia e teologia
Amanda Oliveira da Silva

- 55 Ser-espelho na mística poretiana
Joana de Souto Gomes

NICOLAU DE CUSA

- 67 Mística do olhar
Maria Simone Marinho Nogueira

Parte II
Mística e ascese na contemporaneidade

MÍSTICA NA CONTEMPORANEIDADE

- 89 Impactos sobre a antropologia e a teologia
Maria Clara Bingemer

WALTER BENJAMIN

- 107 Ascese da escrita: entre o coletivo e o individual
Eduardo Guerreiro Brito Losso

ALBERT SCHWEITZER

- 129 A mística do cuidado
Josias da Costa Junior

ABRAHAM J. HESCHEL

- 145 A mística do *pathos* divino
Edson Fernando de Almeida

JÜRGEN MOLTMANN

- 157 A espiritualidade da vida
Marcio Cappelli

LEONARDO BOFF

- 173 Por uma mística da ação libertadora
Marcelo Timotheo da Costa

ALBERTO CAEIRO, MANOEL DE BARROS E ADÉLIA
PRADO

- 191 A epifania do cotidiano
Cleide Maria de Oliveira

Sobre os capítulos deste livro e o *Apophatiké* – estudos interdisciplinares em Mística

Marcus Reis Pinheiro

(UFF)

Maria Clara Bingemer

(PUC-Rio)

Marcio Cappelli

(UMESP)

Este livro é composto de duas partes: na primeira, apresentamos a história da mística com claros matizes platônicos e neoplatônicos, e, na segunda, nos voltamos para temas e autores da mística contemporânea. Começamos pela religiosidade de Platão, enveredamos pelo neoplatônico Orígenes e terminamos a primeira parte, com a mística medieval, representada em dois capítulos sobre uma mulher mística, Marguerite Porete, e um a respeito de Nicolau de Cusa. Na segunda parte, há sete capítulos sobre autores e temas contemporâneos. Fazemos um sobrevoo sobre os capítulos deste livro.

A primeira parte começa com a filosofia sagrada de Platão. No primeiro capítulo, André Decotelli discorre a respeito dos elementos místicos em torno do pensamento de Platão. Através de uma compreensão da totalidade da realidade, sendo esta composta por dois mundos, um sensível e outro inteligível, o filósofo grego irá propor a relação entre estes realizada pelo elemento divino no homem, a saber, a sua alma. Por meio de um processo ascético denominado de purificação da alma, Platão irá abrir as portas da transcendência ao filósofo, e fará da sua filosofia uma atividade sagrada, que, pela consciência da presença do absoluto na vida, propõe ao amante do saber que contemple o espetáculo da verdade que há no mundo inteligível. Sua filosofia, no entanto, dentro de uma proposta político-pedagógica para a pólis grega, buscará unir a vida cotidiana com o mistério da existência que atravessa todo aquele que se pergunta sobre como viver. O divino surge,

então, como um pano de fundo essencial na fundamentação da dialética platônica, pois nele a alma se apoia, se assemelha e se dirige. Aqui reside o aspecto mais central da filosofia platônica, que sendo um esforço catártico contínuo de exame e subida progressiva ao divino, não será uma simples fuga ou uma contemplação alógica ou extática, mas se caracterizará por ser uma metafísica com os pés no sensível, mas a cabeça no divino.

Marcus Reis Pinheiro apresenta e desenvolve a possibilidade da Exegese Bíblica, um dos temas centrais da obra de Orígenes, um dos mais influentes pais da Igreja, depois de Agostinho de Hipona. A interpretação de Orígenes sobre a linguagem, apoiada na epístola aos Romanos, é de suma importância histórica para a elaboração teológica do aspecto espiritual presente nas sagradas escrituras. Sua interpretação das funções e características da linguagem está intimamente vinculada a uma ontologia dicotômica, em que temos um homem carne e outro espírito, assim como uma linguagem-letra e uma outra espírito. De acordo com Orígenes, em um trabalho sobre si mesmo, em uma ascese própria que busca a graça divina, o homem pode alcançar a experiência de uma profundidade especial no texto sagrado.

Depois destes dois primeiros capítulos sobre Platão e sobre um neoplatônico, o livro nos leva para a chamada Baixa Idade Média (séculos XIII e XIV) com dois capítulos sobre uma das mais importantes mulheres místicas: Marguerite Porete. A mística francesa faz parte de um movimento de mulheres religiosas de espírito livre, as chamadas Beguines, e foi morta na fogueira da Inquisição pelo seu livro *O espelho das Almas Simples e aniquiladas*. O capítulo escrito por Amanda Oliveira da Silva Pontes trabalha a dialética entre ser e não ser na ideia de reflexão de Deus na alma humana. Seu trabalho concentra-se em apresentar elementos filosóficos e teológicos em sua obra. Resumindo o todo do livro de Porete em quatro pontos centrais, Amanda descreve com detalhes seus aspectos filosóficos e teológicos, apresentando assim o essencial do caminho da Alma até alcançar Deus no reflexo que produz em si mesma d'Ele.

O capítulo de Joana Souto “Ser-espelho na mística poretiana” apresenta em um primeiro momento tanto uma visão geral da mística quanto da vida e obra da autora medieval Marguerite Porete, desenvolvendo a ideia

da possibilidade do homem tornar-se um espelho da divindade. Para que um espelho possa refletir perfeitamente, deve estar ausente de imperfeições e impurezas, indicando o aspecto ascético neste “tornar-se espelho”. O seu capítulo apresenta então aspectos dos sete estágios pelos quais a Alma deve passar para que se torne pura e cristalina para experimentar o reflexo de Deus, estágios estes que levam a uma purificação radical, o aniquilamento do eu e a experiência do nada em que Deus se reflete.

Já Maria Simone Marinho Nogueira trabalha alguns capítulos do livro *De Visione Dei* do filósofo medieval Nicolau de Cusa, comparando o ato do olhar divino com o seu amor. Nicolau envia à Abadia de Tegernsee o seu livro juntamente com um quadro com a imagem de alguém que tudo olha ao seu redor. Maria Simone relata-nos como Nicolau descreve o olhar divino, comparando-o com esse olhar. O ato de olhar é minuciosamente comparado com o ato de amar e assim se descreve uma mística do olhar.

Abrindo a segunda parte do livro, que pretende apresentar elementos importantes sobre a mística contemporânea, o texto de Maria Clara Bingermer trabalha alguns aspectos do que se pode chamar de mística na contemporaneidade. Mesmo sendo um século chamado de “sem deus” e havendo críticas contundentes às instituições religiosas, Maria Clara apresenta-nos a presença da espiritualidade nos dias de hoje. Desenvolvendo alguns temas que divorciam as instituições religiosas e a espiritualidade, a autora aponta para a necessidade do amor ao próximo como expressão e realização desta mesma espiritualidade. A paixão por Deus apresenta-se hoje como um imperativo ético e não como a necessidade de renúncia ao mundo ou de introspecção solitária.

O capítulo de Eduardo Guerreiro B. Losso sobre Walter Benjamin desenvolve as possibilidades de uma reescritura de si baseada especialmente em algumas obras do filósofo. Losso começa desenvolvendo a crítica da noção de ascese burguesa que tem sua origem na noção de ascese intramundana de Max Weber, para, então, procurar indicar outra ascese, aquela do artista apaixonado. Trata-se de pensar as possibilidades de felicidade não em uma abnegação impotente, mas na “floresta encantada da recordação”, seguindo a leitura que Benjamin faz de Proust. Losso continua em seu artigo

a acompanhar o que Benjamin diz sobre Kafka, comenta ainda as apropriações que Lowy faz do seu autor, para terminar indicando a possibilidade de uma ascese positiva da escrita na obra de Benjamin.

O capítulo sobre Albert Schweitzer, por Josias da Costa Junior, analisa a mística do autor alemão acompanhando os pontos principais de sua vida. Descreve o momento auge em que ele alcança o sentido profundo da “veneração por toda vida” e analisa a relação desta ideia com a noção de cuidado. Ao buscar um postulado fundamental para a ética filosófica, ele encontra a necessidade de um respeito profundo por toda manifestação da vida.

Em seguida, o livro traz o capítulo, escrito por Edson Fernando, sobre o rabino hassídico Abraham J. Heschel, e parte da oposição entre polos que constituiriam o caminho ascético do místico. Dissertando sobre a oposição entre a misericórdia e o coração representados pelo Rabino Akiva, por um lado, e por outro a exigência de justiça e a crítica cética representados pelo rabino Ishmael. Edson de Almeida nos mostra como a tensão entre opostos é central em Haschel. Trata-se de tentar compreender um traço central na história do judaísmo hassídico, a saber, “a dialética entre a misericórdia e a justiça, o cuidado e a crítica, a segurança e a dúvida, a presença e a ausência de Deus no mundo”.

O capítulo escrito por Marcio Capelli, “A espiritualidade da vida”, deseja refletir sobre a espiritualidade entendida como amor à vida a partir do pensamento de Jürgen Moltmann. O teólogo alemão se destaca por causa de sua abrangência temática (política, ecológica, étnica, gênero, ética etc.) e por ter uma preocupação com a vida integral (humana e não humana). Entretanto, sobretudo em sua pneumatologia, desenvolve a ideia de que não existe tensão entre experiência de vida e do Espírito, pois as experiências da vida são experiências de Deus. O Espírito de Deus, que no dizer moltmanniano, é o “Espírito da Vida”, tem como missão promover e preservar a vida. Dentro desta perspectiva, surge o desafio de ampliar a proposta de uma espiritualidade – uma vida segundo o Espírito – que se caracterize como amor à vida e que se oponha aos poderes da morte. Por isso, o autor busca ressaltar a ideia de uma espiritualidade que não aliena e que não é hostil ao corpo e à terra, mas é libertadora.

O texto de Marcelo Timotheo da Costa, “Por uma mística da ação libertadora”, nos apresenta uma análise do livro de Leonardo Boff *Francisco de Assis: saudade do paraíso*. Podemos perceber em seu texto um problema fundamental, sempre revisitado, sobre a relação entre mística/espiritualidade e a política. O ponto para Boff, como vê Marcelo, é a dimensão engajada de toda experiência mística, já que é na opção pelos pobres que se concretiza essa experiência. Vale lembrar que o *poverello* de Assis não apenas faz uma opção de *ajuda* aos pobres, mas uma de estar *junto* a eles, de *viver como* um deles, e nesta dimensão experimenta um amor mais profundo e fundamental por Deus. Assim, a mística não se distancia da experiência radical da pobreza, unindo de forma singular ascese e mística.

O livro se encerra com o capítulo de Cleide Maria de Oliveira, “A epifania do cotidiano”. Apesar de iniciar seu texto apresentando alguns elementos da manifestação do sagrado em Mircea Eliade e de apresentar a laicização do termo *epifania* em James Joyce e Octavio Paz, o objetivo de Cleide é descrever essa manifestação em três vozes literárias: Alberto Caeiro, Manoel de Barros e Adélia Prado. Nos três, pode-se ver a tentativa de encontrar o sagrado fora de instituições e de sistemas metafísicos, mas presente no que há de inusitado por ser o mais trivial. Em Caeiro, a epifania não se esconde em mistérios além-mundo, mas no mais imanente vivido. A mística apofática, que busca alcançar uma simplicidade negativa, num nada, é vista na poesia de Manoel de Barros. Nesta poesia, a “desinvenção” das funcionalidades pressupostas nas coisas as libertam para novas realizações a tal ponto de rasparem num nada de sentido, próprio dos discursos místicos que veem por toda parte a irrupção do sagrado. Por fim, em Adélia Prado “a epifania se dá no banal cotidiano, sem alardes ou trombetas, pela vivência do sensível (quer seja o humano corpo ferido de temporalidade, quer seja a matéria mesma das coisas) como espaços abertos para a epifania mística”.

* * *

Este livro é fruto dos esforços do Grupo de pesquisa *Apophatiké – estudos interdisciplinares em Mística*, que teve início em 2010, quando professores

ligados às áreas de Teologia, Filosofia, Literatura e Ciências da Religião decidiram se reunir para pesquisar sobre o tema da Mística e da Ascese. O nome – *Apophatiké* – “Negativa” subentende o termo Teologia – provém da atividade típica da teologia que é realizada por Pseudo Dionísio Areopagita, autor obscuro do século V d.C., que cria a expressão *Teologia Mística*, título de um dos livros mais importantes da tradição cristã. No livro, encontramos explicitamente o que podemos chamar de *Teologia Negativa* ou *Teologia Apofática*, que desconstrói todas as possibilidades de se afirmar qualquer atributo de Deus, restando apenas negar-lhe toda e qualquer propriedade. Assim, é possível dizer que há uma raiz na tradição apofática que perpassa as pesquisas desenvolvidas, tradição essa que é como que a base da Mística Cristã; que desenvolve um processo próprio de negação sucessiva dos atributos de Deus para restar-lhe o mistério e convidar o ouvinte à sua experiência.

As atividades do *Apophatiké*, num primeiro momento, se caracterizaram pela apresentação das pesquisas, formando assim uma base em comum para a sua integração. A partir disso, foi possível perceber que os trabalhos se concentravam em dois aspectos da Mística: sua manifestação na história e sua relação com a literatura. Por um lado, os trabalhos tratavam de autores místicos nos mais diferentes períodos da história – antigo, medieval e contemporâneo; por outro, giravam em torno do aparecimento de elementos místicos na literatura mundial.

Além da apresentação periódica das pesquisas, o grupo aprofundou leituras teóricas da mística e da ascese como: *Fundações da Mística* de McGinn; os trabalhos de Foucault sobre “Cuidado de Si” e a grande coletânea *Asceticism* de Wimbush e Valantasis, intimamente ligados à noção de Ascese; *A Vida de Santo Antão* de Atanásio; assim como *A Fábula Mística* de Michel de Certeau, com sua contribuição fundamental para situar o nascimento dos estudos teóricos sobre mística e contextualizá-los.

Vale ressaltar que de 2010 até hoje o grupo cresceu e passou a incluir pesquisadores de outros estados pelo Brasil. Atualmente, conta com pesquisadores que participam dos mais diferentes programas de pós-graduação e departamentos do país, como Teologia e Filosofia da PUC-Rio, Filosofia

da UFF e da UEPB, Ciências da Religião da UFJF, da UEPA, da UFS, da UMESP e Teoria da Literatura da UFRJ.

Desde as primeiras reuniões, o *Apophatiké* esteve intimamente vinculado aos Seminários da Floresta de Mística Comparada, organizados pelo professor Faustino Teixeira do programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UFJF. A participação nesses seminários, que reunia pesquisadores também de Ciências da Religião da PUC-SP e da UFJF, foi fundamental para a consolidação do grupo e da discussão das pesquisas com uma comunidade mais ampla, que investiga academicamente a Mística. No entanto, na medida em que os Seminários da Floresta encerraram seu ciclo de atividades, sentiu-se a necessidade de um espaço de interação semelhante que permitisse tanto a apresentação de novas pesquisas quanto discussões teóricas. Deste modo, com a coordenação cuidadosa dos membros André Decotelli e Marcio Cappelli, foi realizado o I Simpósio *Apophatiké* de Mística, entre os dias 16 e 17 de dezembro de 2015 – que já teve outras duas edições em 2016 e 2017. Este livro é fruto do que ali foi discutido.